

OrchestrUtopica

Diques

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

MÚSICA 7 DE FEVEREIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h00 (com intervalo)

CICLO PORTUGAL HOLANDA

Maestro Cesário Costa **Soprano** Monique Krüs **Direcção artística do projecto** José Júlio Lopes

Músicos

Flauta Katherine Rowdon **Oboé** Aldo Salvetti **Clarinete** Nuno Pinto **Clarinete baixo** Luís Gomes **Fagote** David Harrison **Trompa** Paulo Guerreiro **Trompete** António Quítalo **Trombone** António dos Santos **Percussão** Elisabeth Davis e Richard Buckley **Piano** Elsa Silva **Violino I** Alexei Tolpigo **Violino II** Juan Carlos Maggiorani **Viola** Irma Skenderi **Violoncelo** Marco Pereira **Contrabaixo** Vladimir Kousnetsov

Co-produção Orchestrutopica/Culturgest **Produção executiva** OrchestrUtopica



Diques

Concebidos em 1892 como um enorme desafio à natureza, os diques da Holanda simbolizam um gesto inconformado, enérgico e poderoso: a não resignação às imperfeições do mundo, a afirmação do domínio da técnica e da cultura. Se se pode dizer que as condições físicas determinam as produções culturais humanas, certamente o carácter da nova música holandesa distingue-se no mosaico europeu e no «estilo internacional» dominante – talvez por esse mesmo traço que a ousadia de moldar o mundo, construindo diques, pontes e canais, revela -, apesar de ser muito arriscada uma generalização assim com esta precisão nacional.

As ligações entre a nova música de Portugal e da Holanda parece centrarem-se em especial nos casos de compositores portugueses que estudaram composição em diferentes escolas holandesas: Amílcar Vasques Dias, António Chagas-Rosa, António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Nuno Miguel Henriques, Vasco Mendonça, são alguns desses compositores (muitos deles já interpretados pela OU); não é, no entanto, evidente, em todos, uma marca claramente holandesa na sua música. O concerto *Diques* não se centra, porém, numa questão de «escola» – apesar do que tem sido o vigor e o dinamismo da vida musical holandesa e das suas escolas (tão diferente do que se passa em Portugal) –, preferindo dar a ouvir vozes e mostrar diferentes «posicionamentos» musicais.

Programar *Elementos*, de Nuno Miguel Henriques, ao lado de compositores consagrados e com o seu caminho aberto, corresponde à continuação da aposta da ORCHESTRUTOPICA em oferecer o seu espaço para os compositores portugueses (e, neste caso, os jovens) se fazerem ouvir, afirmando-se sem complexos e no mesmo plano. Pertencendo à mais jovem geração

de compositores nacionais, a música de Nuno Miguel Henriques só poderá ser, por isso mesmo, uma voz em revelação constante.

Na música de Van der Aa pode reconhecer-se o mesmo «golpe» conceptual de outro grande artista holandês, M.C. Escher, que fazia um perturbante uso de ilusões da perspectiva, fazendo com que imagens tri-dimensionais chocassem com uma superfície bi-dimensional. Em Van der Aa, o som é maleável, constantemente assume outras formas (umas vezes reconhecíveis, outras não), pode ser flexível ou teimoso, afectando sempre quem ouve pelo seu poder expressivo.

O compositor Jan van de Putte é outra das revelações deste concerto: é uma estreia absoluta da sua música e do seu nome em Portugal. Sobre Jan van de Putte, a sua obra e o seu «posicionamento» na música, diz António Pinho Vargas que «é um compositor holandês atípico, de certo modo. As suas referências partem fundamentalmente de uma constelação aparentemente contraditória entre os alemães Wolfgang Rihm e Helmut Lachenmann e dão-lhe um lugar *sui generis* entre os holandeses da sua geração. Sobrepõe, no mesmo lance, a radicalidade de um mundo sonoro particular e um desejo expressivo latente, muito diverso da motoricidade *stravinskiana* que caracteriza muita da criação musical daquele país».

Gerações diferentes. Países diferentes. Vozes e posições musicais diferentes.

José Júlio Lopes

PROGRAMA

Nuno Miguel Henriques
Elementos

Michel van der Aa
*Above**

Jan van de Putte
*Es schweigt**

* primeira audição em Portugal



Nuno Miguel Henriques

Elementos (2002)

«Elementos foi composta em 2002, e representa para mim o culminar de um ciclo de aprendizagem de quatro anos, que foi o meu curso superior de composição (o processo de aprendizagem continuou para além disso). É uma peça que baseia o seu discurso musical na exploração de nuances tímbricas num determinado campo harmónico, necessitando, por isso, de tempo para se afirmar, para a criação de afinidades com a memória. Entre essas nuances tímbricas, destaca-se a ressonância de determinados instrumentos - principalmente a percussão e sopros -, instrumentos esses que serão responsáveis pela formação de uma espécie de aura harmónica. Aqui eu destaco os instrumentos de sopro que, não sendo propriamente reconhecidos como tendo um potencial elevado de ressonância, o seu aproveitamento desta forma menos usual resulta numa sonoridade invulgar e quiçá surpreendente (para mim, pelo menos). O discurso musical - ao nível de progressão melódica - é baseado num número bastante limitado de células (duas ou três), e, sem se tornar repetitivo, num sentido mais minimalista, torna a peça mais homogênea e

compacta, dando assim, um sentido de continuidade. Outra característica desta peça é a combinação de elementos cujo uso está claramente atribuído ao passado, e com uma conotação perfeitamente explícita nesse contexto, mas desta feita, devido à sua utilização como objectos sonoros em si mesmo, e por estarem incluídos num diferente contexto musical, ganham um novo sentido, um novo ângulo de apreciação.»

Nuno Miguel Henriques © 2002

Nuno Miguel Henriques (1978), iniciou os seus estudos musicais aos seis anos no Conservatório de Música da Madeira na classe de violoncelo do prof. Agostinho Henriques. Mais tarde estudou piano com o András Hennel. Estudou composição com o maestro Roberto Pérez entre 1995 e 1998, altura em que compôs as suas primeiras peças. Ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa, em 1998, no curso de Composição, tendo estudado com os professores António Pinho Vargas, Christopher Bochmann e Sérgio Azevedo, concluindo a licenciatura em 2003.

Actualmente prossegue os seus estudos no Conservatório de Roterdão com Klaas de Vries, como bolsheiro da Secretaria da Educação do Governo Regional da Madeira. Frequentou seminários de composição com os compositores Emmanuel Nunes e Salvatore Sciarrino. Em 2000 participou com uma peça seleccionada nas 4ª Jornadas Nova Música de Aveiro, sob a direcção de Edwin Roxburgh. Em 2003 e 2004 foi seleccionado para o 1º e 2º *Workshop* Gulbenkian para Jovens Compositores Portugueses, tendo sido estreadas as obras *Contraste* para Orquestra e *Elementos* para 12 instrumentos pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Guillaume Bourgoigne. Em 2003, teve uma peça executada pela ORCHESTRUTOPICA no Festival de Música

da Madeira. Em 2004 obteve uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian e, no mesmo ano, foi seleccionado para participar no *Workshop* para Jovens compositores organizado pelo ASKO Ensemble, em Amsterdão em Maio de 2005.



Michel Van der Aa

Above (1999) para *ensemble* e electrónica

Em *Above* o material musical é composto por apenas uma única nota que é literalmente repetida por todo o *Ensemble*, apenas mudando na parte da electrónica que oferece constantemente novos ambientes ao grupo. Com este plano da electrónica em transformação permanente, cada uma das secções repetidas adquire um novo contexto e sentido, e um novo propósito. A parte da electrónica é constituída por repetições e antevissões de momentos do *Ensemble*. Os sons acústicos do grupo instrumental são comprimidos e elevados de modo que novos ambientes para os músicos surgem à superfície.

Above faz parte da trilogia “Preposition” que inclui ainda as obras *Between* e *Attach*, cada uma delas focando um posicionamen-

to específico do material musical. *Above* possui uma linha de pensamento clara. Através de um processo muito bem construído, Van der Aa tira o melhor partido de um minúsculo e rudimentar ingrediente melódico.

OrchestrUtopica © 2006

Michel van der Aa (1970), é um dos mais espantosos compositores holandeses da sua geração, atraindo a atenção sobretudo pela grande imaginação e invenção das suas obras de teatro musical. Nelas a música tem um poder expressivo e um sentido idiomático naturais para o palco, combinando sons e imagens cénicas num jogo de perspectivas mutantes. Depois de estudar como engenheiro de som no Conservatório Real de Haia, estudou composição com Diderik Wagenaar, Gilius van Bergeijk e Louis Andriessen. Mudou do construtivismo da «escola de Haia» para um estilo mais pessoal, poético e transparente. Fez ainda um curso de realização de cinema na New York Film Academy, e colaborou com realizadores como Peter Greenaway e Hal Hartley, e com coreógrafos como Philippe Blanchard. Van der Aa tem sido programado em festivais internacionais de música contemporânea tão importantes como Londres, Huddersfield, Berlim, Donaueschingen, Paris, Varsóvia, Los Angeles, Amsterdão, Utrecht, Bruxelas, Veneza, Oslo, Budapeste, Moscovo e Zagreb. As suas obras têm sido interpretadas por importantes artistas, incluindo os maestros Peter Eötvös, Reinbert de Leeuw, Etienne Siebens, Ed Spanjaard, Roland Kluttig, e ensembles como o Schönberg e Askó Ensemble, a Orquestra de Câmara da Rádio Holandesa, Hilversum Radio Philharmonic, SWR Symphony Orchestra, Avanti!, musikFabrik e a Netherlands Opera. Ganhou o prestigiado prémio internacional

Gaudeamus em 1999, o Vermeulen Prize 2004 (pela sua ópera de câmara *One*) e uma bolsa da Fundação Siemens em 2005. As suas obras estão gravadas nas etiquetas Col Legno, Composer's Voice, BVHaast, X-OR e VPRO Eigenwijs.



Jan van de Putte © Sooksun Cho

Es Schweigt (2000)

Para soprano e *ensemble*

Encomendado pelo ASKO-ensemble

Dedicado ao meu falecido avô (matemático e especialista em números) e H. J. Lindhout, maestro que dirigiu a estreia da obra.

«O cérebro não é assim tão livre e o Sistema, no qual o meu cérebro nasceu, não é tão livre, o Sistema tão livre e o meu cérebro assim não-livre, assim Sistema e Cérebro vão perecer.»

Thomas Bernhard

«Es Schweigt (É o silêncio) é uma canção que deseja mover-se do seu lugar, mas que está aprisionada.

Tentando aproximar-se tão perto quanto possível do não-sentido, tentando mover-se, tentando mudar, mudar tudo querendo

começar com uma enorme energia sem nenhuma direcção...

...e faz comichão por todo o lado, coça como um sinal, sintoma de algo a querer sair, algo que está oprimido, mas que continua a tentar furar, e subitamente sai por completo, destruindo toda a ordem artificial e transformando tudo numa massa informe (a queda de Ícaro)...

Surgindo como um símbolo do mundo “normal”, a cantora perde-se no seu texto, tenta tocar a realidade contando... perde-se de novo no sistema e na sua ordem ilusória sem fim, números que se tornam emocionais, que perdem a sua funcionalidade calma, que se rebelam contra o seu aprisionamento, números usados não estruturalmente, mas que se tornam emocionais...

Tudo muito rápido ou muito lento, sempre incapaz de uma construção cuidadosa, é demasiado tarde, numa grande pressa, e de novo subitamente em plena apatia, impossível agir, começando a jogar um jogo, como se fosse uma ideia súbita, sem saber o que fazer...

e o piano solo como o chimpanzé de Fromm, desesperado e perdido, incapaz de escolher entre uma fêmea e uma banana

notas erradas e notas que realmente tentam, notas que perderam o seu caminho, sem saberem onde estão, notas altamente conscientes de si mesmas, esquecendo-se de si mesmas, que se perdem completamente, distraídas por qualquer coisa de fora do seu enquadramento/mundo/sistema e num enorme caos nada se move – tudo mantém o silêncio - vida.»

Jan van de Putte © 2006

Jan van de Putte (1959) começou por ter lições de violino e as suas primeiras composições surgem aos catorze anos de idade. Mais tarde viria a estudar também guitarra baixo, viola e piano. Estudou também

musicologia e sonologia durante algum tempo na Universidade de Utrecht e música electrónica com Floris van Manen. Posteriormente teve aulas de composição com Joep Straesser e Ton Bruynèl. Completou os seus estudos de composição com Klaas de Vries em Roterdão. Desde 1996 vive em França.

Jan van de Putte tem sido influenciado por compositores como Mahler, Debussy, Webern, Varèse, Stockhausen, Lachenmann, Rihm e ainda pela música tradicional da Indonésia e do Japão; também pelos realizadores Tarkovski e Bergmann; pelos artistas Beuys, Twombly, Kiefer e os «primitivos»; e pelos escritores Dostoievski, Beckett, Céline e Artaud. *In hora mortis* (1990) para soprano e orquestra de câmara foi seleccionado pela Dutch Ballet Orchestra para o *Young Composers Project* em 1991. *Es Schweigt* (1993) foi escrito para a soprano Angela Tunstall e para o ASKO ensemble. A sua “mini-ópera” *Om mij mijzelf met mijn aan mezelf en mezelf en mijn eigen for solo kettledrum* foi estreada por Gabe Tarjan em Roterdão, em 1994. No Festival da Holanda de 2004 a sua ópera *Wet snow* ganhou um prémio.

Em 1992 obteve o prémio de incentivo do Fundo para as Artes de Amsterdão para compor *In hora mortis*; esta obra obteve também o terceiro prémio do Rostrum of Composers em 1993.

Monique Krüs, soprano

A soprano Monique Krüs nasceu em Utrecht, na Holanda, e estudou no Conservatório desta cidade e no Mozarteum em Salsburgo. Durante três anos trabalhou no Teatro de Ópera de Essen, tendo cantado diversos papéis incluindo Sofia (*Rosenkavalier*), Konstanze (*Entführung*), e Adèle (*Fledermaus*). Foi convidada para cantar nos teatros de ópera de Bona, Manheim e Weimar. Nesta última cidade cantou na estreia mundial da ópera especialmente escrita para si pelo compositor Hans Rotman, sobre a vida da mulher de Mao Tse-Tung, Jian Qing. Trabalha regularmente com as principais orquestras holandesas e com maestros como Edo de Waart, Peter Eötvös e Reinbert De Leeuw, com o qual recentemente cantou a peça virtuosa *Herzgeväschse* de Schönberg no Festival da Flandres. É co-fundadora do Festival de Verão de Ópera de Spanga (Holanda). Monique Krüs cantou a sua primeira *Traviata* em 2000 no Westergasfactory em Amsterdão. Foi convidada pela ópera de Stuttgart para fazer a estreia mundial de *Giuseppe e Sylvia*, e em Antuérpia fez a estreia de *Snatched by the Gods* de Param Vir (com direcção de Pierre Audi) e, na Semperoper em Dresden, cantou *Fiakermill* de Arabella.



Monique Krüs

No Festival de Música contemporânea «Warschauer Herbst» (Varsóvia) cantou o papel principal na estreia mundial de *Tattooed Tongues*, do compositor holandês Martijn Padding. Esta temporada cantará em *Love Cries* de Harrison Birtwistle, na Holanda, *Mahagony*, de Kurt Weil, em Berlim, bem como *Livre de Vie* do compositor russo Obouhov, no Concertgebouw de Amsterdão.

Cesário Costa, maestro

Cesário Costa tem vindo a distinguir-se em Portugal como um dos mais activos maestros da sua geração. A nova música é uma das suas prioridades, privilegiando um trabalho de grande proximidade com os compositores. Realizou os seus estudos musicais em Paris, onde concluiu o Curso Superior de Piano, e na Alemanha, onde completou com a nota máxima a Licenciatura e o Mestrado em Direcção de Orquestra na Escola Superior de Música de Würzburg, na classe do Prof. Hans-Rainer Foerster. Em 1997 foi o vencedor do III Concurso Internacional Fundação Oriente para Jovens Chefes de Orquestra. Nesse mesmo ano foi bolseiro do Festival de Música de Bayreuth.

Como maestro convidado, dirigiu a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica de Nuremberga, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Orquestra, o Ensemble für Neue Musik (Würzburg), a Arhus Sinfonietta (Dinamarca), a Orquestra Filarmónica da Macedónia, a Filarmonia Sudecka (Polónia), a Orquestra do Algarve, a Orquestra do Norte, a Filarmonia das Beiras, o Grupo de Música Contemporânea da UniRio (Brasil), o ESART Ensemble, entre outras orquestras.

Participou em inúmeros Festivais de Música, de que se destacam o Festival de Música Atlantic Waves (Londres), Aberdeen (Escócia), Arhus (Dinamarca), Neerpelt (Bélgica), Dresden (Alemanha), Murcia (Espanha), Estoril, Póvoa do Varzim, Espinho, Mafra, Coimbra.

O seu já vasto repertório estende-se do barroco ao contemporâneo, incluindo mais de quarenta obras em estreia absoluta. Colaborou com a Casa da Música (Porto) nas óperas *Lo Speziale* de Joseph Haydn, *A Raposinha Matreira* de Janáček, *Brundibár* de Hans Krása e *Der Jasager* de Kurt Weil. Dirigiu, entre outras obras, *Pierrot Lunaire* de Schönberg, a ópera *Il Trionfo d'Amore* de Francisco António de Almeida, a versão portuguesa da ópera *Hänsel und Gretel* de Humperdinck no Teatro da Trindade, a Sinfonia *À Pátria* de Viana da Mota no Teatro Nacional de S. Carlos, e, com a Orquestra Utopica, três óperas em estreia absoluta na Culturgest. Em 2004 dirigiu a obra *For Samuel Beckett* de Morton Feldman no Teatro Nacional de S. Carlos.

Actualmente é Maestro Titular da ORCHESTRUTOPICA e da Orquestra Clássica de Espinho. É também director artístico dos Concertos Promenade do Coliseu do Porto e professor.

ORCHESTRUTOPICA é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um instrumento para compositores. Fundada em 2001 - pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e o maestro Cesário Costa -, foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. No seu quinto ano de existência já realizou mais de trinta concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a ORCHESTRUTOPICA apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da ORCHESTRUTOPICA são chamadas a participar em forums abertos de discussão com músicos, artistas e público. A ORCHESTRUTOPICA acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

A ORCHESTRUTOPICA apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar, até agora, com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, as sopranos Nicole Tibbels e Yeree Suh e o violinista Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da ORCHESTRUTOPICA apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colabo-

ram com a ORCHESTRUTOPICA que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

DIRECÇÃO ARTÍSTICA

António Pinho Vargas, Carlos Caires, Cesário Costa, José Júlio Lopes, Luís Tinoco

DIRECTOR

José Júlio Lopes

MAESTRO TITULAR

Cesário Costa

PRODUÇÃO

Élio Correia

PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Paula Gomes Ribeiro

PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

André Sá Machado

MAESTROS CONVIDADOS

Yu Feng (Chi), David Allen Miller (EUA), Odaline de la Martinez (GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello (Arg)

SOLISTAS

Daniel Rowland (violino), Pedro Carneiro (marimba), Aldo Salvetti (oboe), Etienne Lamaison (clarinete)

SOLISTAS CONVIDADOS

Ana Ester Neves, soprano (POR), Nicole Tibbels, soprano (GB), Fredrik Burstedt, violino (SE), Pedro Meireles, viola (POR), Yeree Suh, soprano (COR)

COMPOSITOR-RESIDENTE

João Madureira (2004)
Nuno Côrte-Real (2005)

A ORCHESTRUTOPICA é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006 ORCHESTRUTOPICA e António Pinho Vargas, Carlos Caires, Cesário Costa, José Júlio Lopes e Luís Tinoco • Todos os direitos reservados • O logótipo e a designação ORCHESTRUTOPICA são propriedade da ORCHESTRUTOPICA AACSFL • A ORCHESTRUTOPICA é uma estrutura apoiada financeiramente pelo Instituto das Artes - Ministério da Cultura (2003, 2004, 2005/2008)

A ORCHESTRUTOPICA deseja tornar público o seu agradecimento a: Dr Luis Pereira Leal, Orquestra Gulbenkian, Dr Paolo Pinamonti, Dra Paula Coelho da Silva, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Dr Miguel Leal Coelho, Centro Cultural de Belém, Dra Isabel Bandeira, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Banda da Guarda Nacional Republicana, Maestro Jacinto Montezo.

CONTACTOS

Largo do Carmo, 18 – 1º esq
1200-092 LISBOA
PORTUGAL
T & F + 351 213 474 148

email: orchestrutopica@novascenas.pt
www.novascenas.pt/orchestrutopica
Se quiser receber informações sobre a nossa programação e actividades, visite o nosso *site* e inscreva-se na nossa *mailing list*.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

DANÇA 10 E 11 DE JANEIRO

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 55 min.

NEXT Fence

“A vida é perigosa e pode matar-nos. Neste espectáculo dança-se com os instintos de defesa do corpo e com as nossas paranóias. É uma reflexão poética sobre a nossa necessidade de segurança e protecção num mundo mais carregado de temores do que de ameaças, inspirada na propensão natural e intuitiva do corpo para a auto-defesa”.

Ex-membro da companhia Última Vez, de Wim Vandekeybus, repartindo a sua actividade entre Bruxelas e Estocolmo, o coreógrafo e *performer* sueco Rasmus Ölme criou este quarteto (três bailarinos, Ölme incluído, e um músico em cena, todos já colaboradores de anteriores aventuras artísticas) no Outono de 2004 e estreou-o na Casa da Cultura (Kulturhuset) de Estocolmo em Dezembro do mesmo ano.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino (Chefe de Imagem)

Paulo Abrantes (Chefe de Audio)

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinária de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

